

Instituto Socioambiental

fonte: A Críticaclass.: 249data: 18/4/95pg.: 1

SATERÊ-MAWÊ

Índios têm alfabetização em língua própria

Ivânia Vieira

Enviada especial a Maués

Os 600 alunos, da 1ª a 4ª séries do primeiro grau, da comunidade do Marau, onde estão distribuídos em 24 aldeias, 2.400 Saterê-Mawê, têm a partir deste ano letivo o direito de estudar na língua oficial da sua nação. A língua portuguesa — até então base única do processo de alfabetização —, passará a ser ensinada como segunda língua.

O decreto-lei instituindo a reforma curricular na comunidade do Marau, foi assinado ontem e será divulgado hoje, pelo prefeito de Maués, Sidney Leite (PPR), 27, durante a visita que fará à localidade que está sob a jurisdição deste município, a 267 Km de Manaus. Leite integra-se aos deputados estaduais que, neste dia do índio, reúnem-se pela primeira vez em uma aldeia indígena dos Saterê.

Na prática, a reforma curricular vem sendo implementada desde o início deste ano. Os resultados, garante o prefeito

estão sendo positivos, ainda que recentes enquanto exercício de mudança no modelo de educação. Hoje, todos os 27 professores que atuam no Marau são Saterê que se expressam nas duas línguas. Até o ano passado, nenhum deles (dados da Prefeitura) era dessa comunidade indígena e só se comunicavam na língua portuguesa.

O projeto de reforma curricular, coordenador pela secretária municipal de Educação de Maués, Maria Auxiliador Gruber, foi desenvolvido sob a assessoria técnica da linguísta Dulce Franceschi, o antropólogo José Ademir Ramos, a educadora Valéria Augusta C. M. Weigel, da Unidade do Amazonas, e a alfabetizadora Suely S. Rocha, do Instituto de Educação Rural do Amazonas (IERAM).

A equipe de A CRÍTICA se deslocou para Maués em avião da Taba

19/6/95